

MUSEU INCLUSIVO PARA DEFICIENTES VISUAIS: ARTE ATRAVÉS DOS SENTIDOS

Andreza Nunes Real da Cruz - asiquen@gmail.com
Pinacoteca de Estado de São Paulo

Resumo

Este estudo baseia-se na relação dos museus e instituições culturais com deficientes visuais e no contato destes com a Arte. O presente artigo visa demonstrar a contribuição de um projeto inclusivo que ofereça novas propostas de mediação multissensorial nestas instituições para a fruição das Artes por este público, explorando as possibilidades de uso de materiais de apoio, a influência que estes projetos exercem sobre suas experiências estéticas, bem como sobre a frequência em que buscam novas oportunidades de contato com a Arte. Para tal, foi realizada uma análise do texto *"MUSEU DE ARTE E PÚBLICO ESPECIAL"*, defendido como dissertação de mestrado por Amanda Pinto da Fonseca Tojal, e também visitas à Pinacoteca do Estado de São Paulo, onde Tojal coordena o *"Programa Educativo Públicos Especiais"*, e ao Centro Cultural Banco do Brasil. A pesquisa incluiu entrevista com uma deficiente visual, que acompanhou as visitas, para verificação dos métodos aplicados nestas instituições.

Palavras-chave: museu de arte; inclusão; deficiente visual; multissensorialidade;

Abstract

This study was based in the relationship between museums and cultural institutions with visually impaired individuals and their contact with Art. This article aims to demonstrate the contribution of an inclusive project that offers new proposals for multissensorial mediation at these institutions, the enjoyment of Arts by this public exploring the possibilities of support materials as well as the impact that these projects may have on their aesthetic experiences, and on the frequency with they seek new opportunities for contact with Art. For this, was developed an analysis of the text "MUSEU DE ARTE E PÚBLICOS ESPECIAIS", a master's dissertation by Amanda Pinto da Fonseca Tojal, and also visits to the Centro Cultural Banco do Brasil and to the Pinacoteca do Estado de Sao Paulo, where Tojal coordinates the "Programa Educativo Públicos Especiais". The research included an interview with a visually impaired person, who accompanied the visits, to evaluate the methods applied in those institutions.

Keywords: art museum; inclusion; visually impaired; multisensoriality.

Introdução

O censo do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), no ano de 2000, identificou cerca de 14% da população brasileira como portadora de alguma deficiência. Isso representa algo próximo de 24,6 milhões de cidadãos com alguma limitação. Deste grupo, 67%, ou 16,6 milhões, são deficientes visuais, em nível leve ou grave.

Apesar do grande número de portadores de deficiência visual no Brasil, observa-se, de forma generalizada, resistência da parte do deficiente visual em visitar exposições e museus de arte, por considerar monótono e inadequado ser abordado da mesma forma que o visitante vidente, sendo muitas vezes repreendido por tentar um contato tátil com a obra. Essas experiências negativas mostram-se na

verdade um bloqueio na construção de um caminho mediador entre este público e o acervo artístico.

O espaço expositivo é, por via de regra, construído para ser visto. As obras são colocadas em vitrines, ou têm a proximidade do público limitada por espaços identificados por faixas no chão ou cercas. De forma geral, não é possível ter nenhum outro contato com obras de arte dentro de instituições culturais senão pelo sentido da visão. Esta forma de apresentação das obras, porém, restringe significativamente as possibilidades de mediação para o público com deficiência visual.

As necessidades educacionais dos deficientes visuais englobam principalmente a inserção de recursos auditivos e táteis e mostra-se urgente a necessidade de que museus e expositores de arte apliquem em seus ambientes estes dois recursos para atender a população portadora de cegueira e baixa visão. É preciso que o educador-mediador desperte para a necessidade de elaboração de materiais de apoio que, pensados a partir da didática multissensorial, possam contribuir para a construção de uma experiência estética plena.

Fazendo-se uso da oralidade, ambientação sonora, reproduções em alto contraste, maquetes de obras e prédios, placas em relevo, e outros recursos tridimensionais – bem como o emprego do Braille – pode-se manter aberta uma via de comunicação entre as Artes e os deficientes visuais, para que estes tenham oportunidade de apreciá-las, sobretudo as que são estritamente visuais.

1. Mediação Inclusiva: Caminhos A Percorrer

No meio educacional brasileiro, nenhum assunto é mais atual do que inclusão. Vemos uma mobilização, felizmente crescente, entre instituições de ensino e apoio à cultura, que visa o cumprimento dos direitos das pessoas com necessidades educacionais especiais. Museus e instituições culturais compõem uma parcela significativa deste grupo que, aos poucos, tem se voltado para buscar meios de se tornarem locais acessíveis a esse público.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos afirma que *“Toda pessoa tem o direito de participar livremente da vida cultural da comunidade, de fruir as artes e de participar do processo científico e de seus benefícios.”* (ONU, 1948: Artigo XXVII, § 1). Já o Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), em seu site, define:

O museu é uma instituição permanente, aberta ao público, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, que adquire, conserva, pesquisa, expõe e divulga as evidências materiais e os bens representativos do homem e da natureza, com a finalidade de promover o conhecimento, a educação e o lazer (IPHAN, 2007).

Estas práticas inclusivas recentes, que ainda encontram-se num processo evolutivo, paradoxalmente, cumprem verdadeira e tardiamente as razões essenciais para que estas instituições públicas existam: levar o patrimônio histórico e artístico a toda pessoa.

Deficientes visuais têm um relacionamento peculiar com estas instituições, sobretudo quando se trata de patrimônio artístico. Sem um programa específico de atendimento, onde exista uma proposta de acesso interativo, o museu torna-se um lugar desinteressante e por vezes constrangedor. Durante esta pesquisa, ouvi depoimentos de deficientes visuais que foram repreendidos por monitores e seguranças, em meio a uma fortuita tentativa de interação efetiva com as obras, através de contato tátil. Se de um lado, a imprudência do visitante põe em risco o patrimônio que é de todos, de outro o despreparo daquelas equipes não promove “o conhecimento, a educação e o lazer” a todos.

São vários os obstáculos para que se promova a arte-educação inclusiva em museus: vão desde a formação e treinamento inadequados das equipes de monitoria até aspectos arquitetônicos dos espaços, tudo permeado por precariedade de recursos financeiros. Com este pano de fundo, iniciativa e mobilização da equipe unificadamente são itens fundamentais para a concretização de propostas inclusivas.

1.1. Pinacoteca do Estado de São Paulo: Espaços para Ver e Tocar

A Ação Educativa da Pinacoteca do Estado de São Paulo atuou de forma pioneira ao por em prática o *Programa Educativo Públicos Especiais (PEPE)*. Coordenado por Amanda Pinto de Fonseca Tojal, arte-educadora e museóloga, o programa conta com uma equipe de educadores e artistas plásticos.

Utilizando cerca de 50 obras do acervo do museu e recursos multissensoriais, o projeto, fruto de uma parceria com a iniciativa privada, busca

Introduzir e ampliar aos públicos especiais o conhecimento e a percepção da arte e da produção artística brasileira do século XIX à atualidade, possibilitando e incentivando o seu pleno acesso a esse

museu, como também ao seu significativo patrimônio artístico e cultural (Material Publicitário: Programa Educativo Públicos Especiais, 2006, p. 4).

Assim, numa visita guiada, o público especial poderá ter contato com sons e aromas, além de uma abordagem adequada a cada tipo de deficiência. Tudo para que o visitante possa estabelecer, explorando todos os seus sentidos, um contato mais profundo com a arte do que proporcionaria uma monitoria comum.

A importância dada à multissensorialidade é especialmente significativa para o público deficiente visual, já que uma visita usual a um museu de arte prioriza invariavelmente o sentido da visão. A mediação deverá valorizar, portanto, os outros sentidos, elegendo práticas educativas que promovam uma interação maior com as obras, de forma que não pareça apenas a leitura de algum extrato textual.

João Vicente Ganzarolli de Oliveira (1998) afirma que a fruição do belo começa na captação pelos sentidos, mas não pára neste estágio. Somente o homem pode apreciar o que é esteticamente coeso, o que indica que, não os sentidos – e em particular, a visão –, mas a inteligência, que nos difere dos outros seres vivos, é o que possibilita o apreço das Artes. Não sendo necessariamente a falta de visão um elemento prejudicial à inteligência e considerando da mesma maneira as várias linguagens artísticas, o vidente e o deficiente visual encontram-se em iguais possibilidades de experimentar a fruição estética. Isto é proporcionado pela mesma multissensorialidade, que afeta igualmente videntes e cegos

Em sua dissertação *“Museu de Arte e Público Especial”*, defendida no mestrado, Tojal estabelece diretrizes que devem ser observadas para que um projeto inclusivo como o PEPE seja colocado em prática.

1.2. A Relação Entre o Museu e o Público

Como dito anteriormente, é necessária uma mobilização integral da equipe, um novo posicionamento ao receber este público. Avaliar não só o que o museu tem a oferecer, mas valorizar a troca, o intercâmbio de aprendizagem que pode ser estabelecido com o visitante deficiente visual. Tojal (1999) diz em seu texto:

O museu de arte comprometido com a contemporaneidade deverá, portanto, refletir não somente a participação do público portador de deficiências visuais no espaço expositivo, como também saber avaliar as importantes contribuições que este público trará a essa instituição, como mais uma forma de enriquecimento e renovação de sua política cultural e profissional (p. 2).

Segundo Tojal, a visita deste público é a que demanda maior número de adaptações, mas também é a que leva a equipe museológica a considerar novas possibilidades, novos caminhos a serem explorados na mediação entre Arte e público, e não apenas para o público especial.

Deve-se considerar particularmente o tipo de deficiência visual que o visitante tem, podendo fazer distinção em grupos, tais como: os portadores de baixa visão e os cegos, e entre portadores de cegueira congênita ou precoce (anterior aos 5 anos de idade) e portadores de cegueira tardia. Segundo Tojal, portadores de baixa visão e cegos apresentam “modos muito diversos de comportamento e percepção do meio ambiente” (1999, p. 3).

Portadores de baixa visão são capazes de perceber visualmente formas, cores, localização espacial, ainda que limitadamente. O portador de cegueira congênita ou precoce depende inteiramente de seus outros meios perceptivos para compreender o sentido de uma obra de arte. E por último, a pessoa que perdeu a visão tardiamente poderá recorrer à sua memória visual, para apreensão de conceitos abstratos como cor e brilho. Este mapeamento prévio fornecerá um primeiro conhecimento para elaborar estratégias de abordagem, relacionando pontos comuns e diferenciados entre este público e o vidente.

Curiosamente, o visitante portador de cegueira tardia, embora esteja mais próximo do vidente pela existência da memória visual, é também o público mais resistente às adaptações, justamente pela dependência estabelecida com o visual e vai, geralmente, necessitar de maior tempo com os monitores do que um portador de cegueira precoce.

De forma geral, tempo, como pontua Begoña C. Cano (2002), é um dos fatores mais importantes a ser administrado numa visita com deficientes visuais e está diretamente relacionado ao número de peças escolhidas para o percurso. Uma grande quantidade de obras exigirá muito tempo dos visitantes, o que tornará a experiência mais cansativa do que prazerosa e eficiente.

Isso porque o principal sentido a ser explorado numa visita desse tipo será o tato. Ao contrário da visão que capta o todo e, posteriormente, se decompõe entre as partes, o tato começa a percepção pelas partes, para que depois construa o todo na mente do observador. Essa prática, para que se torne eficiente, exige que sejam observados alguns critérios, como: tamanho das peças, que não devem ser maiores

que os braços do visitante; superfícies, que não podem ser agressivas ao toque; detalhamento preciso, de forma que seja possível a percepção. A presença de detalhes pequenos, dificultará a compreensão da obra; posicionamento das peças e fatores relacionados, como suporte adequado, altura, etc.

A audição deverá trabalhar ao lado do tato “tanto em relação ao conhecimento dos objetos, como também a sua localização e apreensão do espaço circundante” (TOJAL, 1999, p. 7). A sonorização do ambiente, a utilização dos recursos sonoros dos objetos expostos, bem como a inexistência de ruídos alheios no ambiente, contribuirão efetivamente para uma apreciação significativa das obras. O olfato e o paladar ainda são recursos pouco utilizados na monitoria de exposições para proporcionar experiências estéticas, mas não pela ausência de valor. Tojal (1999) considera no olfato um “forte apelo emocional” (p. 7), capaz de evocar imagens.

1.3 Ação Educativa

Na Pinacoteca, tudo isso é realizado através do Programa de Ação Educativa. Tojal, em seu texto confirma a importância do envolvimento da comunidade com esse setor. Primeiramente, é preciso “a organização de uma equipe de profissionais com objetivo de conhecer e pesquisar as características e especificidades dos portadores de deficiências visuais” (TOJAL, 1999, p. 15). Eles contarão com a parceria de educadores, e profissionais da saúde, e também devem solicitar a avaliação de deficientes visuais. Aí se encontra o começo da ação educativa inclusiva: o público alvo é ouvido sobre as adaptações que eles mesmos julgam necessárias. Manter contato com escolas especializadas e promover o intercâmbio é outro fator que contribuirá para o sucesso do programa.

A equipe da Ação Educativa adequará tempo e percurso de visita, número de pessoas numa mesma sessão, considerando as características particulares do grupo. A inserção de atividades práticas que estimulem a criatividade, explorem materiais diversos e permitam ao visitante expressar-se artisticamente mostram-se bastante adequados para complementar a apreensão do conteúdo educativo e tornar a experiência significativa.

1.4. Duas Experiências no Espaço Expositivo

Maria Rita de Paiva Souza, 25 anos, é pós-graduada em psicologia junguiana. Aos 9 anos começou a desenvolver a Síndrome de Stargardt, doença degenerativa adquirida hereditariamente. A evolução da doença aconteceu até seus 21 anos, quando perdeu totalmente a visão, restando hoje apenas a percepção de luminosidade. Como a perda de sua visão aconteceu tardiamente, Maria Rita não aprendeu o Braille.

Convidei-a para uma visita monitorada na Pinacoteca, agendada com três semanas de antecedência. Apesar de participar ativamente do meio acadêmico e poder se locomover facilmente até os principais museus da cidade, Maria Rita não tem o costume de visitar exposições.

Ao iniciarmos a visita, guiadas por uma educadora, descemos ao andar térreo do prédio, para que Maria Rita tivesse acesso à maquete arquitetônica das dependências do museu e arredores, e se localizasse. Posteriormente, passamos aos andares superiores, onde tivemos contato com oito obras. Depois de retirar anéis e pulseira, Maria Rita pôde tocar peças originais em bronze e réplicas tridimensionais de telas em resina e maquetes. Ela ainda pôde ouvir sons e sentir cheiros relacionados às obras mediadas no momento. A visita durou cerca de 2 horas.

Na semana seguinte, Maria Rita sentiu-se motivada a pedir-me que fôssemos a outro museu. Tivemos a oportunidade de visitar, então, o Centro Cultural Banco do Brasil, em São Paulo/SP, onde acontecia a exposição *Aleijadinho - Fé, Engenho e Arte*. Mesmo sem agendamento, recebemos orientação na visita e Maria Rita pôde tocar algumas das peças de madeira que não estavam protegidas por vitrines. A visita também durou cerca de 2 horas. Em entrevista, Maria Rita fala de sua experiência:

Andreza: Qual a importância da visita guiada?

Maria Rita: *Toda importância; sem essa visita o acesso se torna totalmente inviável. Como o museu gira em torno da visualidade, sem um direcionamento, a visita torna-se impossível.*

A: Na Pinacoteca, ter acesso à maquete do prédio colaborou para a compreensão espacial do lugar?

MR: *Com certeza, até pra poder me localizar, conhecer os espaços, as salas, saber onde estávamos, etc.*

A: A abordagem foi clara?

MR: *Sim, muito clara. Ela (Margarete de Oliveira, nossa monitora) entende do assunto. Uma pessoa sem informação ou experiência não poderia fazer a monitoria. Ela sabe o que mostrar e o que não evidenciar.*

A: O contato com as peças foi significativo para a apreensão?

MR: *Uma coisa é a pessoa descrever e outra é que eu possa colocar as mãos e, do meu jeito, visualizar as obras. O tato é minha forma de ver.*

A: Qual o ponto mais interessante da visita?

MR: *A monitoria da peça do “Caramuru” (“Moema”, de Rodolfo Bernardelli), com os recursos auditivos. Parecia que estávamos inseridos na cena. A maquete do quadro de Almeida Junior (“Caipira Picando Fumo”) também.*

A: Qual a importância dos recursos multissensoriais, como sonorização do ambiente, cheiros e réplicas táteis?

MR: *Estes recursos são muito importantes, principalmente pra quem já nasceu cego, pois estes não têm a noção do que é fumo, etc. Quem adquiriu a cegueira ainda tem um entendimento melhor, um registro. Pro cego de nascença é um meio de vivenciar a obra; é importante para os dois grupos, mas para este último é crucial para o entendimento.*

A: Vimos oito obras. O percurso foi cansativo?

MR: *Não foi cansativo.*

A: Você pode citar alguma diferença significativa entre a monitoria do Centro Cultural Banco do Brasil e a da Pinacoteca?

MR: *No CCBB, a monitoria foi mais improvisada. Com muita boa vontade, o monitor fez as descrições, mas a Pinacoteca realmente tem o preparo necessário para receber com acessibilidade.*

A: A abordagem foi clara no CCBB?

MR: *Foi clara. Ele também tinha conhecimento histórico e fez o máximo que pode, mas como o lugar não oferece recursos, seu trabalho foi em dobro.*

A: A descrição das obras, na maioria tridimensionais, foi suficiente para uma percepção adequada?

MR: *Foi sim.*

A: O percurso foi cansativo?

MR: *Foi mais cansativo, justamente por ser apenas descritivo.*

Conclusão

A Pinacoteca do Estado de São Paulo apresenta o *Programa Educativo Públicos Especiais*, na intenção de trazer o público especial para dentro do museu. Esta proposta, trabalhando a multissensorialidade mostrou-se particularmente eficaz no atendimento a deficientes visuais.

Este público tem necessidades específicas e é muito importante avaliar as particularidades de cada caso de deficiência para construir uma abordagem adequada. Por outro lado, o museu ganha muito ao explorar estas particularidades, pois as adaptações provadas na Pinacoteca podem envolver todo o público, e não apenas os que portam alguma deficiência visual.

Conhecer o público e preparar estratégias de abordagem é o grande diferencial numa visita. Entre as duas que fizemos, na Pinacoteca e no CCBB, pudemos verificar essa importância. Na Pinacoteca, levaram em consideração o histórico da doença de minha convidada e sua formação para criar um percurso que falasse de literatura, tradições brasileiras e arte francesa.

A pró-atividade da equipe é outro ponto necessário para o início de uma integração das diferenças. No CCBB, mesmo sem um projeto que direcionasse o atendimento a públicos especiais, nosso monitor mostrou-se prestativo e atento às necessidades da visitante. Sem esta disposição, seria impossível promover um contato minimamente satisfatório com as obras.

As experiências vivenciadas na Pinacoteca validam as recomendações para o bom atendimento e mediação deste público à arte. O projeto demonstra respeito e interesse pelas diferentes necessidades educacionais e soluções para elas.

Referências

Artigos e livros

CANO, B. C. **El acceso al patrimonio histórico de las personas ciegas y deficientes visuales**. 1º edição. Madrid: ONCE, 2002, p. 33-42.

MARTINS, Maria Helena Pires. *Público Especial* in TEIXEIRA, Coelho (org.). **Dicionário Crítico e Política Cultural: Cultura e Imaginário**. 2º edição. São Paulo: FAPESP/ Iluminuras Ltda., 1997, p. 328-333.

OLIVEIRA, J. V. G de. **Arte e Visibilidade** – A questão da Cegueira. Disponível em: http://200.156.28.7/Nucleus/media/common/Nossos_Meios_RBC_RevSet1998_Artigo2.doc . Acesso em 10/05/2007.

SARRAF, V. P. **Vista cansada**. Disponível em: http://forumpermanente.incubadora.fapesp.br/portal/.painel/critica/viviane_sarraf/. Acesso em 22/11/2007.

SOLER, Miquel – Albert Martí. **Didáctica multisensorial de las ciências**. 1º edição. Barcelona: Paidós, 1999, 17-53.

TOJAL, A. P. F. **Museu de arte e público especial**. 1999. Dissertação (Mestrado em Artes) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

Sites

HOME PAGE do IBGE. Brasília: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Apresenta notícias referentes à população brasileira e informações sobre o Censo 2000. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/censo/>. Acesso em 19/10/2007.

HOME PAGE do IPHAN. Brasília: Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Apresenta informações sobre museus e instituições culturais do Brasil. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaInicial.do>. Acesso em 21/11/2007.

HOME PAGE do MJ. Brasília: Ministério da Justiça. Apresenta informações sobre leis e documentos internacionais. Disponível em: <http://www.mj.gov.br/>. Acesso em 18/11/2007.

Andreza Nunes Real da Cruz

Graduada em Artes Visuais com habilitação em Licenciatura pela Universidade Cruzeiro do Sul. Integra a equipe do Programa Educativo Públicos Especiais da ação educativa da Pinacoteca do Estado de São Paulo e desenvolve pesquisa sobre a presença do deficiente visual no espaço cultural.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.